



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – DEC  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA – ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**ROSALIA FELIX PORTO**

**EQUIDADE DE GÊNERO NA SALA DE AULA:  
UM OLHAR NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

João Pessoa  
2018

ROSALIA FELIX PORTO

**EQUIDADE DE GÊNERO NA SALA DE AULA:  
UM OLHAR NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia à banca examinadora no Curso Pedagogia – Área de aprofundamento em Educação do campo do Centro de Educação (CE), Campus I da Universidade Federal da Paraíba.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eunice Simões Lins

João Pessoa  
2018

Catálogo na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação.

P853e Porto, Rosalia Felix..  
Equidade de gênero na sala de aula: um olhar nas práticas pedagógicas / Rosália Felix Porto. – João Pessoa, 2018.

23 f. : il.

Orientação: Eunice Simões Lins.  
Monografia (Graduação) – UFPB/BC.

1. Gênero, preconceito. 2. Método kumon. I. Lins, Eunice Simões.  
II. Título.

UFPB/BC

ROSALIA FELIX PORTO

**EQUIDADE DE GÊNERO NA SALA DE AULA: um olhar nas práticas pedagógicas da  
educação do campo.**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Pedagogia – Área de Aprofundamento em  
Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como parte dos  
requisitos necessários para obtenção de grau de LICENCIADO EM PEDAGOGIA.

*Rosalia Felix Porto*

Assinatura do autor

**APROVADO POR:**

*Eunice Simões Lins*

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eunice Simões Lins  
Orientadora

*Severina Andréa Dantas de Farias*

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Severina Andréa Dantas de Farias

*Luciélcio M. Marinho*

Prof. Mestre Luciélcio Marinho

Aos amigos, colegas e professores, minha eterna gratidão por compartilhar comigo seus conhecimentos.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que me proporcionou saúde e sabedoria para chegar até aqui, que nunca me deixou desistir e me abençoou com dom de ensinar.

Aos meus pais Ronaldo Ermínio Porto e Marluce Felix Porto que sempre me incentivaram e me deram o melhor que poderiam me dar. Que nunca quiseram me tornar uma princesa e sim uma guerreira.

Aos meus irmãos João Victor Felix Porto e Rejane Felix Porto por compartilharem comigo desse sonho.

Aos meus tios que me incentivaram, em especial ao meu tio Roberto Ermínio Porto (em memória), grande mestre na arte de ensinar matemática e um grande professor do campo.

Ao meu esposo João Paulo Silva Guerra que desde inicio do curso esteve comigo contribuindo da melhor maneira.

Agradeço aos professores que sempre estiveram dispostos a contribuir para um melhor aprendizado.

Agradeço a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eunice Simões Lins pela paciência, por sua gentileza em me guiar durante este trabalho. E a sua monitora Flavia Lopes pelo apoio preciso.

## RESUMO

O presente trabalho teve como principal objetivo compreender a relevância da temática gênero no contexto da educação do campo, para que seja explorado nas escolas de modo a evitar o preconceito e desenvolver o respeito. Para isso sugerimos o método kumon como uma opção de redução do preconceito. A fundamentação teórica baseou-se em diversos estudos, como Louro (1997), Toru Kumon (2009), Caldart (2002) e os documentos oficiais Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) Constituição Federal (1988) Diretrizes Operacionais Para a Educação Básica Nas Escolas Do Campo. A metodologia caracterizada no estudo foi de pesquisa descritiva com abordagem qualitativa.

**Palavras chave:** Gênero. Preconceito. Método kumon.

## **ABSTRACT**

The main objective of this study was to understand the relevance of the gender theme in the context of rural education, so that it can be explored in schools in order to avoid prejudice and develop respect. For this we suggest the Kumon method as an option to reduce prejudice. The theoretical basis was based on several studies, such as Louro (1997), Toru Kumon (2009), Caldart (2002) and the official documents Law of Directives and Bases of Education (1996) Federal Constitution (1988) Operational Guidelines for Education School In The Countryside Schools. The methodology characterized in the study was descriptive research with a qualitative approach.

**Keywords:** Gender. Preconception. Kumon method.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividade de leitura de números .....	18
Figura 2 – Atividade de cálculo mental.....	19
Figura 3 – Teste de diagnóstico.....	19
Figura 4 – Resultado do teste.....	20
Figura 5 – Teste de assimilação.....	20

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 EDUCAÇÃO DO CAMPO</b> .....	11
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO .....	11
2.2 PROPOSTAS DE ESCOLA DO CAMPO .....	12
<b>3 CONSIDERAÇÕES SOBRE GENERO</b> .....	14
3.1 GÊNERO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO .....	15
<b>4 O MÉTODO KUMON</b> .....	17
4.1 KUMON COMO PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO NO CAMPO .....	18
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	22
<b>REFERÊNCIAS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Levando em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos para homens e mulheres, entendemos por estudo de gênero aquilo que diferencia socialmente as pessoas. É importante distinguir a dimensão biológica e a dimensão social. A maneira de ser homem ou mulher é construída culturalmente e não biologicamente.

Sendo assim, muitas mudanças ocorrerão no papel das mulheres e no seu espaço de atuação. Mesmo com tantos avanços ainda existem as desigualdades entre homens e mulheres. E um dos principais meios que tem o poder tanto de aumentar as diferenças entre meninos e meninas e de desmitificar essa ideia é o meio escolar.

A escola sempre teve um papel de separar os sujeitos e delimitar seus espaços, seu discurso separa e institui o lugar de cada um. Na maioria dos casos essa segregação é tida como natural.

Dentro de um espaço escolar encontramos uma enorme diversidade de alunos uns calmos, outros agitados, alguns/as tem mais aptidão por matemática outros/as por português independente do gênero. Assim as escolhas, capacidades e desempenhos entre homens e mulheres não são um reflexo de preferências naturais.

Desse modo, é de suma importância que o professor esteja atento para isso e possa impulsionar seus alunos/as para profissões que eles desejam sem fazer qualquer tipo de distinção à mulher em papéis sociais e também na sua escolha profissional no mercado de trabalho.

Na educação do campo essa realidade não é diferente sendo que esta problemática concentra-se com maior intensidade. Portanto a escola também pode ter um papel de mudança nas práticas escolares, agindo como um instrumento de transformação social contribuindo para a superação das relações opressivas empoderando os sujeitos.

Diante dessa temática nos baseamos nas pesquisas de teóricos como Louro (1997), Kumon (2009), Caldart (2002) dentre outros autores e os documentos oficiais Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), Constituição Federal (1988) Diretrizes Operacionais Para a Educação Básica Nas Escolas Do Campo.

Deste modo se faz necessário compreender a questão de gênero para que seja explorado na escola do campo de modo evitar o preconceito e sim desenvolver o respeito. Portanto traçamos como objetivo geral de nosso estudo descrever sobre a relevância da temática gênero no contexto da educação do campo. Para nosso estudo escolhemos como

proposta metodológica a pesquisa descritiva com abordagem qualitativa e estruturamos em três momentos.

No primeiro momento descrevemos sobre o contexto histórico da educação do campo e as propostas da escola.

No segundo momento traçamos as considerações sobre gênero.

E por último apresentamos uma proposta pedagógica para ser trabalhada fora da sala de aula da educação do campo, ou seja, no lar desses estudantes como meio de estimulá-los no período em que estiverem fora da escola por motivos de plantação ou colheita na comunidade e diminuir o preconceito pré-estabelecido de que nem todos são capazes.

## 2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO

### 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Para um camponês quanto mais filho ele tivesse mais mão de obra ele teria em sua fazenda, por isso não era interessante que seus filhos frequentassem a escola, isso seria uma perda de tempo. Além do mais as poucas escolas que existiam no campo não atendiam as necessidades desse povo, muitos saíam de suas residências rurais para estudar em escolas urbanas, além do choque entre as realidades isso aumentava a desigualdade e inferiorizava a vida no campo.

Sendo assim, historicamente a educação foi tida como um meio de deixar a vida sofrida no campo. Muitos migraram para as cidades grandes com o objetivo de arranjar trabalho e acabaram encontrando outra realidade, assim começaram a se instalar nas periferias das cidades. Em meio ao descaso das autoridades foi por meio dos movimentos sociais que começaram a surgir as primeiras iniciativas por uma educação do campo voltada para a valorização da cultura e da realidade deste povo.

A educação do campo nasceu das lutas dos movimentos sociais por políticas públicas educacionais para que o campo não perdesse suas escolas e nem sua identidade. Para que famílias não precisassem deixar seu território em busca de melhorias de vida. Assim de acordo com Caldart (2002) a educação do campo é o direito por uma educação no seu território vinculada a valorização de sua cultura e identidade e a educação no campo é o direito de ser educado no lugar onde se vive.

Deste modo a constituição de 1988 coloca como dever do estado prover educação para todos e a Lei De Diretrizes E Bases Da Educação (LDB) em 1996 traz medidas de adequação da escola rural, com um planejamento todo voltado para a realidade do campo.

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL/MEC, LDB 9.394/96, art. 28).

Podemos perceber que a constituição de 1988 trata a educação de um modo geral, não traz a educação do campo de uma forma especificada, mas fala em educação como um direito

de todos e como meio de redução das desigualdades. Só em 1996 é que a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) aborda a necessidade de adequação do calendário escolar, valorizando as particularidades da vida no campo. Mesmo assim ainda traz o currículo da zona urbana como modelo deixando livre as adaptações necessárias.

Essa questão é reforçada pela Diretrizes Operacionais para a educação Básica nas Escolas do Campo quando afirma:

Art. 7º É de responsabilidade dos respectivos sistemas de ensino, através de seus órgãos normativos, regulamentar as estratégias específicas de atendimento escolar do campo e a flexibilização da organização do calendário escolar, salvaguardando, nos diversos espaços pedagógicos e tempos de aprendizagem, os princípios da política de igualdade.

§ 1º O ano letivo, observado o disposto nos artigos 23, 24 e 28 da LDB, poderá ser estruturado independente do ano civil.

§ 2º As atividades constantes das propostas pedagógicas das escolas, preservadas as finalidades de cada etapa da educação básica e da modalidade de ensino prevista, poderão ser organizadas e desenvolvidas em diferentes espaços pedagógicos, sempre que o exercício do direito à educação escolar e o desenvolvimento da capacidade dos alunos de aprender e de continuar aprendendo assim o exigirem.

Portanto é necessário que se reconheça a diversidade de pessoas nos espaços rurais e que isso fique contemplado no currículo. É importante uma escola que atenda às necessidades e assim ofereça condições desses cidadãos continuarem em seu território.

## 2.2 PROPOSTAS DE ESCOLA DO CAMPO

As propostas pedagógicas para a educação do campo precisam ter um olhar transformador para essa realidade, perceber que o campo também está passando por transformações. Os seus sujeitos são diversos e as escolas precisam incluir a realidade de cada um no cotidiano escolar.

A educação do campo ultrapassa os muros da escola e é construída por todos/as que vivem na terra. Por essa razão leva possíveis soluções para combater algo que incomoda a comunidade como por exemplo as desigualdades. Entretanto a participação igualitária é uma das propostas pedagógicas da educação do campo, valorizar as pessoas e respeitar suas diversidades.

O trabalho, a cultura e as relações de gênero também são um princípio educativo. A educação do campo em especial o MST entende que é uma tarefa difícil conscientizar as

peças de que o importante é valorizar o ser humano e que as diferenças entre os sexos foram construídas culturalmente.

Segundo (MOTTA e PAULA, 2012) algumas mulheres do movimento contestam ao ver que algumas atividades como de coordenar, de liderar ou até mesmo de dirigir automóveis ficam sob a responsabilidade dos homens. E a educação do campo tem o poder de construir um novo homem e uma nova mulher livre e com igualdade na participação desses processos.

### 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO

Na escola fomos impulsionados a aprender que as relações de gênero eram determinadas pelas diferenças sexuais o que levava ao preconceito e determinava uma relação de poder onde um sexo se sobrepunha ao outro determinando seus papéis sociais e inferiorizando o trabalho da mulher.

Para Louro (2013), a construção do conceito de gênero está fortemente ligada ao movimento feminista e suas mobilizações.

Admitindo que as palavras têm história, ou melhor, que elas fazem história, o conceito de gênero que pretendo enfatizar está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo. Constituinte desse movimento, ele está implicado linguística e politicamente em suas lutas e, para melhor compreender o momento e o significado de sua incorporação é preciso que se recupere um pouco de todo o processo (LOURO, 2003, p. 18).

Sendo assim a partir da década de 60 começaram as preocupações políticas e sociais por uma sociedade mais igualitária em torno dos direitos dos homens e das mulheres. Na Constituição Federal de 1988 não tem especificado as relações de gênero, mas traz como um dos objetivos “promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Título I, dos princípios Fundamentais, Art. 3º, inciso IV).

As mulheres sempre ocuparam espaços fora do lar, por exemplo até as mulheres camponesas saíam de seus lares para ajudar no plantio, mas essa atividade sempre era reconhecida como um “auxílio” diminuindo a capacidade da mulher em realizar outras atividades fora do espaço privado por conta de suas características biológicas.

O gênero está na vida social e na história da sociedade por isso é importante entender que homens e mulheres são frutos da realidade social e não da anatomia de seus corpos, conceito que foi construído culturalmente. Os estereótipos só servem para discriminar e inferiorizar cada dia mais as pessoas.

Em 1996 a LDB não focou questões de equidade de gênero, só em 1997 com a publicação dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) é que as escolas de ensino fundamental e também ensino superior tem a oportunidade de abordar gênero e sexualidade através dos temas transversais incluídos nos PCN's.

Sexualidade como algo inerente a vida e a saúde que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência entre outros, que são problemas atuais e preocupantes (BRASIL, 1998, p. 73).

Podemos perceber que esse documento incita respeitar a diversidade de valores e repensar tabus e preconceitos discriminatórios em relação ao masculino e o feminino. Mas segundo Felipe (2007) ainda existem escolas que tratam desse tema apenas para o lado da saúde da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e da gravidez indesejada.

Essa razão pode ser pelo fato de termos ainda professores despreparados para lidar com esse tema em sala de aula. Além do fato de algumas universidades oferecerem a disciplina de gênero ainda como optativa e não obrigatória.

É fundamental que os professores percebam que podem fazer a diferença na vida de seus alunos estimulando aptidões que ainda são limitados de um ou outro gênero. Como por exemplo incentivar mais a prática da matemática as meninas, e é uma responsabilidade da escola diminuir o preconceito e a discriminação contra as mulheres.

Podemos observar que hoje os homens ainda são maioria nos cursos de exatas nas universidades. Cursos como enfermagem e pedagogia que são tradicionalmente voltados para o ensino e o cuidado ainda são bastante voltados para o público feminino e em alguns casos os homens destes cursos não pretendem atuar na área, muitas das vezes preferem cargos como o de gestor por ainda haver discriminações (GDE, 2009).

Outras atividades profissionais que não exigem muita escolaridade como recepcionista, copeira, operadora de caixa são orientadas mais para as mulheres e atividades como motoboy, motoristas e trabalhadores rurais são oferecidas mais para os homens e na maioria das vezes traz uma diferença salarial que aumenta ainda mais as desigualdades entre os gêneros.

### 3.1 GÊNERO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO

Para ESTEVES (2015), historicamente a educação do campo sofreu com a negligência do Estado e com professores mal qualificados, portanto não é de se estranhar que as desigualdades se encontrem com maior intensidade no campo.

No campo sempre prevaleceu o patriarcado, a figura do pai como central determinando ao masculino o espaço público e a mulher o espaço privado. Deste modo o

patriarcado sempre exercendo o poder que atendesse aos seus interesses (SOARES, 2014, p. 50).

Isso é decorrência da cultura, que organiza a vida individual e coletiva das pessoas, ou seja, é a cultura que constrói o gênero e determina suas atividades. Portanto, se isso é uma construção social ela pode ser questionada e transformada no sentido de ter uma equidade de gênero não só nas práticas pedagógicas da escola, mas em sociedade.

Sendo assim como a educação do campo é uma luta constante por transformações, ela não fica só dentro da escola é levada também para a comunidade e luta por desnaturalizar estereótipos. É um dos meios utilizado é o trabalho.

Por terem uma relação patriarcal as mulheres do campo acabam tendo uma relação de opressão onde seu trabalho é pouco valorizado.

Para minimizar essa questão a agricultura familiar e a economia solidaria traz para essas mulheres a oportunidade de ter seu trabalho reconhecido e valorizado.

## 4 O MÉTODO KUMON

O método kumon é um programa de estudo individualizado que tem como meta potencializar as capacidades de cada estudante através da disciplina, organização e o autodidatismo. Foi criado pelo japonês Toru Kumon em 1954 para o seu filho Takeshi desenvolver seus cálculos matemáticos na escola.

O material elaborado por Toru começou a surtir efeito em seu filho, então ele resolveu chamar seus colegas para aprimorá-lo. Logo depois em 1956 abriu sua primeira unidade do método kumon em Moriguchi, que tinha como orientadora sua esposa a Sra. Teiko.

A primeira unidade aberta no Brasil foi em 1977, em Londrina no Estado do Paraná por um japonês. De início era só trabalhado a disciplina de matemática. Mas foram percebendo que para ter um bom desenvolvimento na matemática é preciso ter uma boa interpretação. Assim começaram a elaborar as atividades da língua pátria. Em 2004 foi lançado no Brasil o material para ensinar língua inglesa chamado English as a Foreign Language – EFL.

Para Toru é essencial que a criança seja incentivada desde o ensino fundamental e concentre seus estudos no domínio do conteúdo. Por essa razão o material do kumon não segue a seriação da escola tradicional. Toru afirma:

Detectar o potencial da criança e expandi-lo até o máximo limite – este é o dever mais importante e mais gratificante dos pais e educadores. Do contrário, o potencial da criança será como um tesouro desperdiçado (KUMON, 2009, p. 30).

É importante que a criança desde a pré fase escolar reserve todos os dias pelo menos 40 minutos para estudar. Isso irá ajudá-la a ter hábito de estudo, capacidade de concentração e melhores resultados além de avançar em um curto espaço de tempo. Segundo (KUMON, 2009) para que o aluno melhore seu desempenho escolar não é preciso que ele estude vários assuntos e sim que reúna seus esforços em uma única disciplina que o progresso nas demais disciplinas vem naturalmente.

O orientador tem um papel apenas de indicar o caminho, a criança consegue fazer o material sozinha porque este está adequado a sua capacidade individual de estudo e ser torna uma atividade prazerosa porque ela/e consegue realizar as atividades sem necessidade de cobrança, adquirindo assim autoconfiança.

O método kumon e seu material didático estão voltados especialmente para a educação do lar (Kumon 2009 p. 32). Este conta com revisões dos exercícios para que não encontre

dificuldade ao avançar. É importante salientar que se faz necessário a realização das atividades até em época de férias escolares para não perder o ritmo de estudos.

#### 4.1 O MÉTODO KUMON COMO PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO NO CAMPO

Nas escolas do campo o calendário pode ser adequado as necessidades e a cultura das crianças. Como por exemplo, na época da chuva muitas crianças ficam impossibilitadas de frequentar a escola por causa da lama que fica nas estradas e impossibilita o transporte, além de ser a época que muitas famílias aproveitam para fazer as plantações.

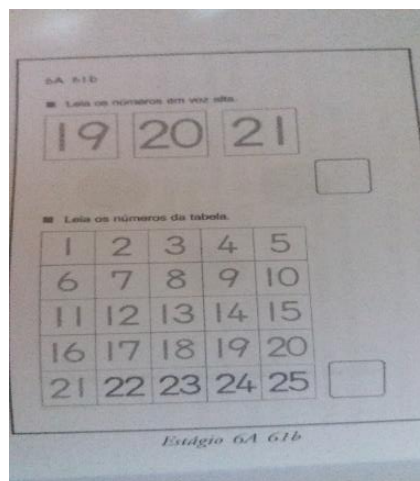
Muitas das crianças nessa época param seus estudos para poder ajudar seus pais, ou seja, é um tempo desperdiçado. Sem contar que as escolas do campo em sua maioria contam com classes multisseriadas o que atrapalha bastante no avanço das crianças.

Sendo assim o método kumon seria um auxílio para que as crianças nessas épocas de plantação ou de colheita ficassem fora da escola, mas não deixassem de estudar. Por ser um método que a criança realiza sozinha (o). Se em algum momento sentisse alguma dificuldade ao longo do percurso poderia ir até um orientador, ou até mesmo tirar suas dúvidas através de outros colegas da mesma comunidade que já esteja um estágio mais avançado que ele/a.

Isso iria trazer um benefício enorme as classes multisseriadas porque em um curto espaço de tempo a criança iria conseguir dominar o conteúdo da sua seriação escolar, ou até mesmo ultrapassar conseguindo já dominar conteúdos mais avançados.

Por exemplo, uma criança da segunda serie escolar que ainda esteja com dificuldade na sequência numérica poderá iniciar no estágio 6A como segue a Figura 1:

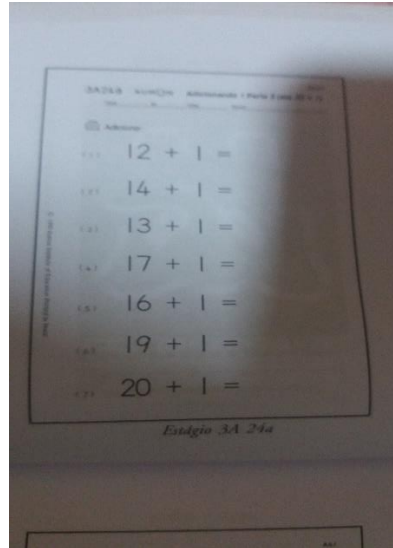
Figura 1 – Leitura de números.



Fonte: Kumon (2003, p. 1).

Se ela tiver organização e disciplina ao realizar todos os dias uma atividade por cerca de 40 minutos ela irá avançar e chegará as atividades do estágio 3A que são atividades de somar mais um. Figura 2:

Figura 2 – Cálculo mental.

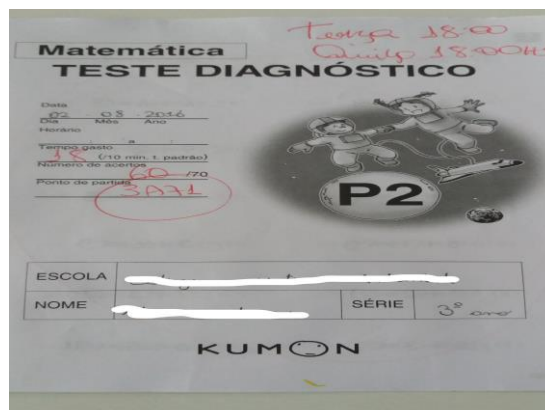


Fonte: Kumon (1999, p. 1).

E assim por diante ela irá avançando e aumentando a sua autoconfiança. O resultado disso implica em ter mais tempo disponível para a realização de outras atividades. Podemos perceber que o conteúdo de matemática do Kumon não se difere com o ensino da matemática das escolas tradicionais.

Podemos observar esse exemplo de uma aluna matriculada no Kumon unidade Ruy Carneiro, João Pessoa, PB. Matriculada no 3º ano do ensino fundamental, chegou no Kumon e realizou um teste de diagnóstico como segue a Figura 3:

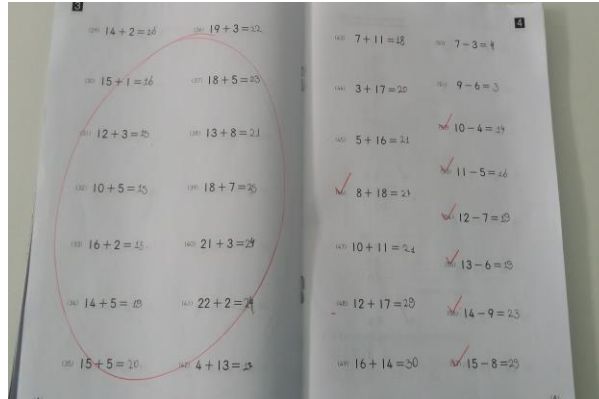
Figura 3 - Teste de diagnóstico.



Fonte: Kumon (2016, p. 1).

O material tem um tempo padrão de 10 minutos para ser realizado, ela demorou 18 minutos para realizar, contava muito nos dedos e tinha muita dificuldade na subtração como mostra a Figura 4:

Figura 4 – resultado do teste.



Fonte: Kumon (2016, p. 3 e 4).

Atualmente ela se encontra no 5 ano do ensino fundamental e esta no estagio F que trabalha expressões aritméticas, ou seja, ela esta além da sua seriação escolar.

Figura 5 – teste de assimilação



Fonte: Kumon (2018, p. 1).

Como mostra a figura, mesmo sendo um conteúdo além da sua seriação escolar ela consegue realizar o teste no tempo padrão, isso mostra o quanto ela avançou em um curto espaço de tempo, do ano 2016 quando entrou no estagio 3A 71 e atualmente no ano de 2018 no estagio F e hoje consegue ter um raciocínio lógico rápido sem precisar contar nos dedos.

O método Kumon acredita que todas as crianças possuem um potencial então assim tenta diminuir o preconceito em relação ao desempenho de cada uma. Como afirma Kumon (2009) existem vários motivos para as deficiências na capacidade da criança e é um erro de perigosas consequências psicológicas taxá-la de “pouco inteligentes”.

Sendo assim esse método poderá incentivar muitas meninas a se descobrirem na área da matemática e até mesmo ajudar meninos e meninas a escolherem as suas carreiras profissionais, acadêmicas.

Para os alunos/as que pretendem continuar no campo e que os pais trabalham com a agricultura familiar e estes ajudam a seus pais venderem alimentos frutas, legumes ou verduras na feira, eles terão mais rapidez ao fazer cálculos mentais para manusear o dinheiro e ajudara também nos cálculos de produção. Serão capazes de saber quanto vão produzir, quanto vão gastar e quanto vai ser lucrado, tudo feito em um cálculo mental rápido.

É de grande importância que cada professor/a observe muito bem cada aluno e identifique se não há problemas relacionados ao método de estudo inadequado, complexo de inferioridade ou problemas no ambiente de estudo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo o método kumon não pode ser substituído à escola regular, além de só conter português, matemática e inglês como todo método não é perfeito também contém falhas. Mas de um modo geral ele surtir mais efeito do que o método que é passado nas escolas, às crianças se sente muito mais estimuladas a fazer.

Além do mais pode estimular mais meninas nas áreas de exatas. Sabemos que atualmente na área de exatas ainda encontramos poucas meninas e as que estão procuram ter uma postura dita masculina para não sofrerem tanta discriminação.

Podemos observar que é possível que todas as crianças evoluam nos conteúdos de matemática e consigam chegar aos conteúdos de sua seriação escolar em um curto período de tempo, basta ter um diagnóstico adequado e as atividades sendo feitas constantemente que a criança vai apresentar um desenvolvimento significativo, além de alcançar também organização disciplina e controle de atenção.

## REFERÊNCIAS

**Estudo gostoso de matemática:** segredo do método kumon. 11. ed. São Paulo: Kumon Instituto de Educação, 2009.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Saete (Org.). **Educação do campo:** identidade e políticas públicas. Brasília: Articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção por uma educação do campo, n° 4.

KUMON, Toru. **Vamos tentar! Buscando o potencial intelectual da criança:** autobiografia do professor. Tradução: Centro de Pesquisas Toru Kumon – Japão. 2 ed. São Paulo: Kumon Instituto de Educação Ltda., 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOTA, Maria; PAULA, Maysa. A questão de gênero no MST e a educação do campo. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 70-82, jul/dez. 2012.

OLIVEIRA, Mariana Esteves. **Gênero e educação do campo:** a importância do debate e espaços possíveis. V. 3, n. 2, p. 18, acesso em 22 de abril de 2018.

FELIPE, Jane. **Gênero e sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação:** possibilidades, limites e formulação de políticas públicas. *Pró-Posições*, v. 18, n. 2, maio/ago. 2007.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: n. 9394/96. Brasília, 1996.

BRASIL. Parecer 36/2001 da CEB/CNE – Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília.

**Gênero e diversidade na escola; formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais.** Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CESPESC; Brasília: SPM, 2009.